

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

REVISTA DE EDUCAÇÃO

MARÇO DE 1941

- A -

JUNHO DE 1943

VOLUME XXIX

1943

N.os 30 a 39

SERVIÇO TÉCNICO DE PUBLICIDADE

SÃO PAULO — BRASIL

SUMÁRIO

PGS.

Israel Alves dos Santos — Objetivos do Ensino Primário	3
Máximo de Moura Santos — Uma Distinção ao Magistério Paulista	5
Oscar Augusto Guelli — A Ação da Escola no Combate a Endemias	7
Benedito Bonato — Padre José de Anchieta	10
Yolanda C. Gama — Como Organizar uma Festa Orfeônica	11
J. O. Orlandi — Rádio-Difusão	16
Armando dos Santos — O Papel Saliente das Novas Escolas Normais Rurais	20
Balthazar de Godoy Moreira — Combate ao Analfabetismo	25
Benedito Caldeira — Conveniência da Modernização do Atual Programa de Ensino	27
Maria Antonieta Raimo — A Escola de Trabalho.....	35
Antônia Amaral Campos — A Educação Física na Educação Integral	40
METODOLOGIA — A Linguagem Oral no 4.º Ano Primário, 44. — O Ensino da Leitura nas Classes Adiantadas, 55. — Planos de Lições Globalizadas: a) Como as Plantas nos Auxiliam, 59; b) Como os Animais nos Ajudam, 63; c) O Cruzeiro, 66.	
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO — Circulares, 71. — Assistência Técnica do Ensino Primário, 80.	
FATOS E INICIATIVAS — Falecimentos, 90. — Colônia de Férias para Filhos de Operários, 92. — Serviço Informativo da Secretaria da Educação e Saúde Pública, 94. — O Combate ao Tracoma nos Grupos Escolares, 98. — Assistência Técnica das Instituições Auxiliares da Escola, 100. — Admissão de Professores Primários nas Faculdades de Filosofia, 102. — Congratulações do Professorado Paulista ao Ministro da Educação, 103. — 1.º Congresso Panamericano de Educação Física, 103. — Mensagem do Ministro da Educação, 105. — Cantando Nossa Terra, 107. — O Paraguai é o mais "Americano dos Países da América" 108. — O Ensino de Português obrigatório no Paraguai, 110. — Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, 110. — Serviço de Cinema Educativo Sonoro do Departamento de Educação de S. Paulo, 112.	
SECÇÃO MUSICAL — Papai Noel, 113. — Festa das Árvores, 116.	
LEGISLAÇÃO ESCOLAR	121
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	187
BIBLIOGRAFIA	189
ATRAVÉS DE REVISTAS — Merendas Escolares, 192. — Tipos de Merendas, 196. — Organização de uma Merenda Escolar, 197. — Interessantes Estudos relativos à Dosagem de Manganês em Alimentos Brasileiros, 201. — O Kadrez na Escola, 201. — Palestras Pedagógicas, 203. — Valor Didático da Cópia, 205. — Aprendendo a Ler em Trinta Lições, 206. — A Educação e a Guerra, 208.	
CENTRO DO PROFESSORADO PAULISTA	211

São Paulo — BRASIL

A Escola de Trabalho

MARIA ANTONIETA RAIMO

(Adjunta do G. E. "Parque da Mooca", da Capital)

Escolhemos a designação — Escola de Trabalho — e não Escola Ativa — para mostrar claramente a diferença existente entre a escola tradicional e a renovada.

A escola em que as crianças não ocuparem suas mãos com trabalhos que estejam de acordo com a vida da comunidade, com trabalhos que respondam às suas necessidades de atividade, aos seus interesses, não será escola ativa.

Vamos falar ligeiramente sobre o emprego das duas expressões — escola ativa e escola do trabalho — que alguns pedagogos não aceitam como sinônimos e outros como LUZURIA-GA acham que a escola de trabalho foi vulgarizada com o nome de escola ativa.

Foi JORGE KERSCHENSTEINER quem deu impulso à escola de trabalho.

O princípio de atividade na escola ativa como na escola de trabalho é o mesmo. Há, porém nesta última duas correntes.

A corrente industrialista que procura educar, no trabalho para o trabalho. Aí o trabalho dos alunos é de ordem técnico-industrial. Essa corrente orientada para um produtivismo econômico, imediato, em utilitarismo de seitas ou de organizações políticas, não representa a escola ideada por KERSCHENSTEINER.

A segunda corrente — educar por meio do trabalho — é a representada pelos psicólogos da educação, pouco atentos aos fins mais ou menos partidários e artificiosos os quais invocam as grandes leis do desenvolvimento natural humano, procurando estímulos, os mais variados, para que esse desenvolvimento se efetue sem desequilíbrio das funções orgânicas e mentais

A escola que procura dar às crianças uma educação verdadeiramente funcional, sem preocupações finalistas, partidárias, individuais ou de Estado, será a verdadeira escola, com este ou aquele nome.

A escola nova, ensaiada na Inglaterra, espalhou-se pela Alemanha, Bélgica, França e outros países europeus, onde surgiram fervorosos adeptos da educação renovada.

Nos Estados Unidos, a renovação da velha escola livresca tornou-se notável.

No Brasil ela foi primeiramente ensaiada por ARMANDA ALBERTO, em Meriti e por LOURENÇO FILHO em São Paulo.

A escola de trabalho está vencendo e merece o apoio dos grandes pedagogos, porque é a que está de acordo com o ritmo da vida infantil. A criança aprende vivendo, aprende fazendo. Ela vencerá porque não exige esforços tremendos da memória, e porque a atenção é natural e não forçada. O que se aprende espontaneamente, com interesse, é facilmente retido.

É certo que uma aluna pegará com prazer numa tesoura para recortar o vestido de sua boneca e que o exercício por ela redigido sobre o que fez nesse período de trabalho manual, será muito mais leve e gracioso do que u'a maçante descrição da tesoura.

Com o intuito de tornar o programa escolar de acordo com a escola ativa, respeitando as ligações existentes entre as matérias de ensino, é que nasceu a idéia do sistema de projetos.

Este sistema vem substituir os antigos programas com índices de matérias. Ele é um guia simplesmente das atividades infantis.

No sistema de projetos, o trabalho apresentará uma unidade de objetivos, de ação.

Lembramo-nos de uma visita feita por um inspetor escolar, quando ainda lecionávamos em uma escola do interior. Pediu-nos ele que escondêssemos, como se esconde um tesouro, a finalidade da aula que ia ser dada.

Na escola de trabalho em que o sistema de projetos predomina, os alunos saberão para onde serão levadas suas investigações. O ambiente escolar é transformado em ambiente natural, há indagação, informação, colaboração.

É preciso, entretanto, escolher os projetos, uteis, de interesses comuns às crianças.

MISS KRACKOWIZER, educadora americana, conhecedora do assunto, nos dá as bases para uma seleção.

Simplificando, diremos que se deve primeiramente verificar se o projeto interessa à maioria das crianças; se o aluno pode, no desenrolar do projeto, realizar um trabalho que concorra para seu próprio desenvolvimento ou dos outros alunos, se serve para aumentar gradualmente a capacidade de interesse da criança, se o poder de atenção será sustentado e se dá margem à resolução de novos problemas e, portanto, a novos projetos a realizar.

O número de projetos possíveis não se conta. Pode ser uma festa, uma excursão, uma viagem imaginária, a decoração

de uma sala, de uma casa, a construção de uma feira de brinquedos, um jogo de armar etc.

Muitas vezes, os trabalhos interessantes propostos, prendem a atenção das crianças por muito pouco tempo, outras vezes, porém, o projeto vai-se decompondo em outros menores e proporcionando ocasiões de ocupação e atividade aquisitiva e criadora por muitas semanas. Isso não importa, desde que a atenção da criança não esmoreça.

Não sendo as idéias isoladas, mas associando-se indefinidamente, o professor procurará orientar os alunos no sentido de não derivar o projeto para assuntos áridos, que não correspondam aos interesses da criança.

Como dificilmente se conseguirá sair do campo de uma determinada disciplina, no sistema de projetos dar-se-á naturalmente a globalização das matérias. Daí a necessidade de um programa mínimo, não de matérias isoladas, independentes, mas um programa cujas partes se relacionem entre si, tendendo à unidade.

No sistema de projetos, os trabalhos de expressão gráfica ou concreta serão feitos à medida que se complete o período de realização do projeto.

As lições dos livros consultados estarão de acordo com o trabalho desenvolvido.

Assim os alunos escreverão, simplesmente o que vêem, o que sabem, o que desejam escrever.

Como exemplo de uma sistema de projetos, desenvolvido num ambiente escolar, temos o plano de MARGARIDA WELLS, desenvolvido durante um ano, na escola primária anexa à Escola Normal do Estado, em Trento.

No 1.º ano, as crianças brincaram de família. Foram organizadas as famílias e eleitas as crianças que desempenhariam os papeis de pai, mãe, irmãos maiores e menores, naturalmente de acordo com a estatura e idade. Cada membro da família tinha seus deveres a cumprir.

E para que o jogo se tornasse mais ativo concluíram que deveriam formar famílias de bonecas, confeccionar-lhes suas roupas e fabricar-lhes suas casas.

Tudo isso foi feito durante o período escolar orientados pelos professores.

Tiveram oportunidade para cantar. Cantavam cozinhando, pintando ou lavando; para cuidar da higiene da boca, da cabeça, dos vestidos, das casas etc.

Cultivaram as relações familiares e sociais, exercitando-se na escrita, escrevendo convites para reuniões, festas etc.

Fizeram excursões ao campo, museus, quando as bases do projeto as tornavam necessárias.

Os aniversários dos grandes acontecimentos, os dias de recordação aos heróis, foram celebrados.

No 2º ano, as crianças brincaram de lojas e no 3º, de cidade.

Obedeciam todos ao princípio da escola renovada em que o trabalho manual é tomado como centro da educação e como elemento essencial de formação integral.

Antes de terminarmos, diremos em poucas palavras o que estamos fazendo no 3º ano.

As matérias dadas obedecem ao sistema de globalização; procuramos entretanto por meio do trabalho manual, construir, armar, colecionar o que for possível para completar as observações diretas e os experimentos dos alunos.

As aulas bem motivadas dão origem a trabalhos escritos interessantes.

Ultimamente um dos alunos, aproveitando um dos assuntos sobre os trabalhos realizados, escreveu um pequeno poema sobre a lenda da mandioca.

Aproveitamos esta circunstância para compor o livro da classe que conterá os poemas, contos, escritos pelas crianças.

Foi eleito o copista e os trabalhos copiados serão ilustrados pelo aluno que apresentar os desenhos mais originais.

Cada aluno possui uma pasta, onde colecionam os exercícios feitos, servindo os mesmos para consulta em dias de recordação.

Temos ainda albuns para colecionar o material coligido ou construído pela classe.

Como o desenho desempenha papel importante na educação da criança, deixamos que os alunos escolham por eleição os melhores desenhos que serão pintados a aquarela e enquadrados.

Estes servirão não só para decorar a sala de aula como desenvolver o gosto artístico na criança.

Os alunos sentem-se satisfeitos e se interessam pelos trabalhos que vão realizar.

Muito pouco, porem, podemos realizar dentro de quatro paredes, onde há alunos sentados atrás de vidraças e debaixo de pias. Ambiente acanhado, sem um pátio, um jardim, e digo mais, sem uma cozinha.

Há poucos dias ela era reclamada pelos alunos que desejavam experimentar uma canjica em flocos, que, em oposição à comumente usada, é preparada em poucos minutos.

Felizmente para nossos alunos, o organismo reage. É uma lei funcional para restabelecer o equilíbrio rompido. E eles então, improvisam seus campos de futebol num corredor, num terreno baldio, fazem seus exercícios de natação nas águas pardacentas do rio mais próximo e vão assim desenvolvendo seus músculos, gastando energias acumuladas em três horas de prisão numa sala de aula.

LOURENÇO FILHO escreveu há alguns anos que: "o ensino primário no Brasil chegou ao máximo de rendimento compatível com o seu precário aparelhamento".

Poderíamos fazer excursões com motivação de futuras aulas. Dariam ótimos projetos. Mas teríamos que afrontar as risotas dos transeuntes, a má vontade dos diretores de oficinas e de fábricas, a deficiência de conduções.

Todavia procuremos desde já, experimentar em nossas classes os novos métodos de educação, embora com sacrifícios, porque a escola tradicional é o meio mais cômodo e barato para a instrução pública.